

O Espírito Da Noite

ALEX BITTEN

1ª Edição



INTRÉPIDA

São Paulo
2019

O Espírito da Noite

de Alex Bitten

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Triza Marsallo

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

O Espírito da Noite

– 1^a Edição

ISBN: 9781719054935

Bitten, Alex – São Paulo: 2017

1. Ficção 2. Romance Histórico

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Dedico esta história a todas as pessoas que acreditam em seus sonhos. Que trabalham pacientemente e em silêncio, ao longo dos dias, meses e anos, para a sua realização.

Que planejam e agem, correndo todos os riscos que seus sonhos possuem.

E fracassam.

Planejam novamente e agem.

E obtêm sucesso.

E avançam planejando novas ações, sem nunca se importar com fracassos temporários.

E no final, conseguem realizá-los com entusiasmo e alegria, como se não tivessem demorado um único segundo.

A Aldeia

A floresta estava calma naquela manhã. As folhas ainda possuíam gotas de orvalho misturadas com a água da chuva que havia caído na noite anterior. Algumas gotas, vez por outra, rolavam pelas folhas verdes e desciam preguiçosamente ao chão, enquanto podia-se ouvir ao longe cantos de aves nativas e gritos de macacos. A natureza começava a dar os primeiros sinais de vida após uma noite quente e úmida.

Era uma grande aldeia, com várias ocas cobertas de palha. No centro estava localizada a ocara, a praça central onde o pajé realizava os rituais principais com a autorização do cacique. A caiçara, uma cerca de um metro e meio, rodeava toda a aldeia e servia de proteção ao ataque de animais perigosos como onças, gatos do mato, cobras e javalis. Havia apenas uma entrada de acesso, mas nenhum índio guardava o local. O chão da aldeia estava repleto de poças d'água e algumas pacas estavam

amarradas próximo às ocas. Havia também, ao lado da entrada da oca em que o cacique morava, uma trave de madeira onde estavam empoleirados uma casa de araras e dois papagaios. Todos os animais foram capturados e domesticados pelos índios. Um pequeno nevoeiro cobria a aldeia, misturado com a fumaça que teimava em sair das fogueiras feitas na noite anterior, resultado de uma iniciação de cinco jovens guerreiros no centro da oca.

De repente, a floresta silenciou-se. Os pássaros e pequenos animais silvestres que anunciavam o alvorecer com sua algazarra costumeira calaram-se por completo, e, para que isso acontecesse, algo incomum devia estar acontecendo na mata. Um bando de maritacas levantou voo assustado, como se estivesse pressentindo o perigo iminente.

Na aldeia, que tinha uma população de duzentos índios, alguns nativos começaram a acordar, sair das ocas e se dirigir à entrada segurando arcos, tacapes e porretes. Eram índios fortes, com pele morena e cabelos escuros, vestindo apenas pequenas tangas que cobriam suas partes íntimas. Tinham as pernas, o peito e a face pintados com tons de vermelho e preto. Perceberam que havia algo de estranho na floresta, algo incomum à selva que os rodeava havia espantado os animais e alarmado os índios.

O silêncio era tranquilo, mas eles olharam com atenção para a vegetação, procurando descobrir o que havia afugentado os animais.

Primeiro, a fumaça saiu do meio de alguns arbustos, e, depois, se ouviu o estrondo de um disparo. Um índio gritou e caiu, mortalmente ferido.

Um grito saiu do meio da mata.

— Avante, cambada!

Cerca de cinquenta homens armados com mosquetes surgiram da floresta, gritando e disparando contra os índios. O mosquete era uma arma de alma lisa e por isso era muito imprecisa. Assim, apesar da distância curta, a salva de tiros mais os assustou do que feriu: apenas três índios foram atingidos pelas balas esféricas que saíram dos canos das armas.

Os bandeirantes começaram a recarregar os mosquetes, mas, apesar da prática, aquele era um processo demorado. Primeiro, era preciso pegar o cartucho e mordê-lo, colocando a bala dentro da boca e sentindo o gosto salgado da pólvora. O próximo passo era colocar uma pitada da substância na caçoleta aberta e escorvar a pesada arma, para,

então, apoiar sua coronha no chão. Em seguida, inserir o resto da pólvora e, com os dedos sujos, enfiar o cartucho encerado pelo cano para servir de bucha e cuspir a bala dentro dele. Depois, segurando firme a baqueta, introduzi-la no cano e empurrar com força várias vezes para pressionar a munição e criar pressão da bucha sobre a pólvora; para, somente então, prender a baqueta no suporte e levantar a arma, segurando-a pelo ferrolho, puxar o martelo até ouvir um estalo seco e, finalmente, sorrir maliciosamente, porque a arma, de pouca precisão, estava pronta para disparar outra vez.

Os índios revidavam com suas flechas. Três bandeirantes caíram, atingidos no peito e no pescoço. Mais trinta homens saíram da mata, gritando como uma turba enlouquecida, e, armados com espadas enferrujadas, pistolas e porretes, invadiram a aldeia e o combate corpo a corpo começou. Os outros, com os mosquetes carregados, entraram em seguida, para aumentar o pânico dos nativos.

Parecia que os bandeirantes estavam correndo sem nenhum tipo de planejamento, mas logo se percebeu que o ataque havia sido planejado em detalhes e que aquela não era uma operação de amadores.

O líder, segurando uma pistola em cada mão, entrou primeiro na aldeia. Dois índios armados com tacapes se aproximaram, prontos para esmagar sua cabeça. Ele gritou enfurecido, mirou com alma, esperando que se aproximassem, e só então puxou o gatilho — as armas tossiram uma fumaça branca e os dois nativos caíram, feridos mortalmente. Jogou as pistolas no chão e puxou sua espada da baixa, uma espada pesada, rude, mas bem afiada na noite anterior, e por isso pronta para o combate.

— Vamos, seus vagabundos inúteis! Não há tempo a perder! E avançou pela aldeia.

Um índio veio em sua direção com um tacape. Rapidamente, o homem desferiu um golpe de espada no objeto, desviando-o para o lado, e impeliu um soco violento que derrubou o índio e o colocou fora de combate. Olhou ao seu redor com a boca aberta, mostrando os dentes amarelados e os olhos enfurecidos. Não parecia nem um pouco assustado com as cenas de luta ao seu redor, aliás, a visão daquela aldeia era algo ao qual ele estava acostumado a realizar e os homens que o acompanhavam eram experientes naquele tipo de ataque.

Um índio alto e forte estava sobre um bandeirante e conseguira tirar a espada de sua mão. Segurava um pesado porrete e estava prestes

a esmagar a cabeça do oponente quando o velho líder dos atacantes, atento ao combate corpo a corpo à sua frente, sacou uma bela adaga que tinha presa à cintura e, sem fazer pontaria, atirou nas costas do índio. A lâmina afiada penetrou-o até o cabo. Ele soltou um grito de dor e caiu sem vida sobre o bandeirante, que empurrou o corpo para o lado, apanhou sua espada e levantou-se o mais rápido que pôde.

— Seu vagabundo inútil! — gritou o líder. — Deixou-se apanhar como uma criança? Hoje eu salvei sua vida, mas da próxima vez deixarei que morra com um cachorro sarnento!

— Desculpe, meu senhor — disse o homem, se aproximando —, ele me pegou desprevenido.

— Nada de desculpas agora! Continue o ataque, porque ainda não assustamos estes animais o suficiente!

— Sim, meu senhor! — respondeu, se afastando.

O velho bandeirante correu para trás de uma oca com a espada nas mãos e observou o combate com cuidado.

— Malditas armas indígenas!

Cravou a espada no chão, sacou outra pistola, que estava na cintura, e mirou em um índio que tinha o rosto pintado de vermelho e que apontava o arco para um dos invasores. A bala o atingiu no pescoço, derrubando-o como um boneco, mas ainda assim ele conseguiu disparar a flecha, que se cravou no chão, próximo ao homem que estava para ser atingido; este se virou, com uma bela espada nas mãos, viu o corpo do índio se debatendo e acenou para seu salvador, que ainda apontava a pistola com o cano fumegando na mão direita.

— É a segunda vez que salvo um vagabundo miserável hoje!

O jovem bandeirante olhou para o líder e sorriu.

— Talvez porque este vagabundo valha a pena!

O velho bandeirante guardou a pistola na cintura, pegou a espada e soltou um grunhido.

— Se não fosse por mim, já estariam todos mortos.

Os dois homens correram na direção dos combates.

O matraquear dos mosquetes e das pistolas, misturado aos gritos de guerra dos índios, indicava a forte intensidade da luta. Mas ela foi diminuindo, e pesando a favor dos bandeirantes pelo planejamento e surpresa do ataque, além da presença de armas de fogo.

A tribo fora finalmente derrotada após uma luta sangrenta que durou mais de meia hora. Os homens brancos, agora armados de

porretes, acabavam com a resistência dos índios que ainda tentavam lutar. As mulheres eram arrastadas para a ocaria, e as que gritavam eram espancadas com pedaços de pau até que parassem de protestar ou acabassem desmaiando pela força dos golpes. Os índios gravemente feridos eram mortos sem piedade, enquanto os que haviam se rendido foram reunidos em um canto da aldeia. Sob forte vigilância dos bandeirantes, tinham os pés amarrados e as mãos atadas nas costas por cordas de cânhamo. Vários corpos jaziam inertes no chão, e as poças formadas pela chuva que havia caído na noite anterior tinham agora um tom avermelhado pelo sangue que escorria dos cadáveres.

Por ordem do líder dos bandeirantes, ateou-se fogo nas ocas, que agora eram imensas fogueiras, fazendo os índios gritarem desesperados. Alguns se atiravam no chão enquanto as mulheres batiam na cabeça e puxavam os cabelos em agonia.

— Jacinto!

Um bandeirante se aproximou.

— Sim, meu senhor!

— Quantos dos nossos morreram?

— Sete homens estão mortos e três estão feridos, meu senhor.

— Os feridos podem caminhar? — perguntou sem rodeios.

— Dois deles podem caminhar, mas o terceiro foi estrebuchado.

— Mandé fazer uma maca para levarmos o pobre homem. Enterre os nossos mortos para que não sejam comidos pelos animais e depois organize a bugrada. Não quero ficar mais que o tempo necessário neste lugar fedorento.

— Sim, Dom Álvaro.

— Agora vá, homem, quero sair o quanto antes!

O líder dos bandeirantes procurou um de seus homens, caminhando a passos largos pela aldeia coberta de fumaça.

— Damião! — gritou.

— Estou aqui, Dom Álvaro — respondeu o bandeirante, limpando sua bonita adaga na camisa de um bandeirante morto. Usava botas e calça de couro bastante gastas, mas ainda em bom estado, e uma camisa ensanguentada de linho branco. Tinha cabelos compridos e amarrados com um barbante e usava barba e bigode. Devia possuir uns trinta e tantos anos, era alto e forte, de pele bronzeada e olhos castanho-escuros.

O olhar já não demonstrava a mesma frieza do início do combate — havia tristeza ao ver os índios sendo arrastados como animais, perdendo a liberdade para serem conduzidos para a escravidão.

Uma voz o afastou de seus pensamentos e uma forte batida nos ombros o trouxe para a realidade.

— Meus parabéns, meu rapaz. Cheguei a pensar, dois dias atrás, depois daquela chuva toda, que não os encontraríamos mais. Mas eu estava enganado, você é o melhor mateiro que já vi e terá sempre um lugar na minha tropa.

— Obrigado, Dom Álvaro.

Ele viu o sangue em suas roupas.

— Você se feriu?

— Não, meu senhor, o sangue não é meu. Eu lutei contra um bugre.

— Ah! — soltou um grande sorriso. — Que azar o dele.

— Dom Álvaro, eu fiz o que prometi, eu encontrei a aldeia.

— Eu sei, um bom trabalho, e como prometi, será recompensado quando chegarmos a Vila Rica.

— Eu sei que o senhor sempre cumpre suas promessas, mas preciso lhe dizer uma coisa.

— Desembuche, homem! Estou estranhando esse seu jeito amuado desde que nos embrenhamos na mata! Até os homens notaram seu comportamento. Não vai me dizer que, porque ficou prisioneiro dos índios, agora acha que é um deles?

— Não, mas ficar prisioneiro dos índios mudou minha vida e eu não posso continuar a fazer o que faço. Não posso continuar a caçá-los como animais.

O grande bandeirante colocou as mãos no pescoço de Damião e caminhou com ele.

— E acha que eu quero continuar a fazer isso para sempre? Estou velho demais para ficar caçando bugres por estas matas. Não, meu amigo, eu estou planejando algo grande, algo que vai nos tornar ricos como um maldito marquês. Ouça o que tenho a lhe dizer: antes de partirmos, eu fui procurado por um nobre da corte, uma figura importante, e ele me confidenciou que estamos prestes a declarar Independência de Portugal. Parece que Dom Pedro vai parar de correr atrás de rabos de saia e finalmente fazer alguma coisa de homem, vai se rebelar contra seu pai.

— Mas se isso acontecer, vai haver uma guerra. A corte não vai aceitar a independência do Brasil pacificamente.

— Foi o que eu falei ao nobre que me procurou. Mas ele disse que conhece um mapa feito pelo Bandeirante Rodriguez, que mostra o caminho até uma caverna cheia de diamantes do tamanho de um ovo de galinha. Ele soube que Rodriguez sempre a procurou e quer contratar os meus serviços para encontrá-la.

— E onde está o bandeirante Rodriguez, meu senhor?

— Desapareceu na selva, mas deixou uma cópia do mapa com seu filho, que fez um acordo com o nobre na tentativa de receber uma parte do butim. Ela existe, Damião, eu acredito que Rodriguez a encontrou e pretendo procurá-la. Quero que vá comigo, porque, se guiar meus homens, sei que conseguiremos encontrá-la.

— E quem é o nobre, meu senhor?

— E acha que vou lhe dizer? — disse, dando uma longa gargalhada. — Você é ao mesmo tempo tão esperto e tão tolo! Mas não se preocupe, quando chegar a hora, saberá. Agora ouça com atenção, Damião: não sei do seu passado, mas sei que você é um homem com grande conhecimento e tem noções militares. Sabe usar um mosquete e uma espada como ninguém, talvez seja um maldito desertor, mas não estou preocupado com isso. O que eu quero saber é se posso contar com você nesta expedição.

O bandeirante soltou o braço de seu pescoço e Damião o olhou direto nos olhos.

— Agradeço o convite e a confiança, meu senhor, mas está foi minha última expedição como guia. Eu tenho uma dívida com o senhor, mas não pretendo mais servir de guia.

— Nem para encontrar uma caverna de diamantes?

— Não, meu senhor.

— Damião, há homens que matariam para estar nesta empreitada. Você tem certeza de que vai recusar? Eu não farei o convite outra vez.

Damião olhou para o homem que respeitava e que o salvara dos índios.

— Sim, meu senhor, eu tenho certeza.

Ele colocou a mão em seu ombro.

— Não aceitarei sua decisão agora, não até chegarmos a Vila Rica. Mas se chegar lá e não tiver mudado de ideia, então terei de procurar

outro guia, e posso assegurar que não faltarão homens dispostos a me seguir.

E saiu gritando na direção dos homens que limpavam as pacas mortas, para que se apressassem.

Dom Álvaro era assim. Um português grande e forte, com chapéu e botas de couro de boi, calça vermelha, colete cinza e uma grande bandoleira no ombro. Tinha uma barba grande e era rude com seus homens, mas sabia comandar uma bandeira.

Damião olhou à sua volta, observando a aldeia incendiada e os índios agrupados e amarrados. O desespero era grande — muitos choravam, outros murmuravam frases em seu idioma que pareciam preces. Foram conduzidos para o centro da aldeia, olhando tudo o que possuíam virar cinza. Algumas pacas haviam sido mortas, e três homens começaram a limpá-las.

— O que foi, homem? Por acaso viu um fantasma?

Dois homens se aproximavam. Um deles era baixo e atarracado, com cabelos curtos e de cor amarela. O outro era um negro alto e forte. Vestiam a mesma roupa: calças, botas, chapéus de couro e camisas de couro de boi. O de estatura mais alta tinha uma fita vermelha amarrada na testa e um brinco de ouro na orelha direita. Aparentavam ter a mesma idade de Damião.

— Henrique! Luís! Depois dos primeiros disparos, perdi vocês de vista.

— Tive que ajudar Luís, esse negro parece ter medo de alguns índios armados com paus e pedras.

— Não é verdade, Damião.

— Mas eu salvei sua vida, e é a segunda vez que acontece.

O negro coçou a cabeça encabulado.

— É verdade, mas eu fui cercado por três bugres e já estava quase com a situação controlada quando Henrique apareceu.

— Vamos, Luís, fale a verdade.

Damião colocou as mãos no ombro de Luís.

— Sei que não é verdade, meu amigo, não se preocupe. Você é um corajoso, e por isso confio em vocês para as campanhas que faço.

— Agora acabou, em breve iremos para casa.

Henrique percebeu que havia algo errado com Damião.

— Você está triste com algo.

Damião olhou para as cabanas, que agora ardiavam em chamas.

— Olhem à sua volta.

— Tem razão — disse Henrique. — Desta vez o número de baixas foi maior.

— Perdemos sete homens e três estão gravemente feridos — finalizou Luís.

— Não é isso.

— Então o que é, homem? Esses índios vão render um bom dinheiro no mercado. Devemos ter capturado pelo menos uns cinquenta bugres em ótimo estado. Não vai querer me dizer que está com crise de consciência por causa de alguns bugres, depois de tantas bandeiras que já fizemos juntos? Ou será que os três meses em que você ficou capturado vivendo com eles te fizeram mudar de ideia?

Fazia dois meses que Damião conseguira escapar de uma tribo Tupi com a ajuda de Dom Álvaro. Ele fora feito prisioneiro e aquela era a sua primeira expedição desde que havia se libertado.

— Conviver com eles, Henrique, mesmo contra a minha vontade, me fez enxergar coisas que até agora não enxergava ou não fazia questão de ver. Eles não são animais como nós os tratamos, e não são bichos ou mercadorias para vendermos em mercados.

Os dois homens se entreolharam atônitos. Não conseguiam acreditar no que o amigo estava dizendo. Damião nunca havia dito nada parecido, nem demonstrado tais sentimentos para com os índios.

— Quem sabe — ponderou Luís — não tens que descansar um pouco?

— É — respondeu Henrique. — Assim que voltarmos a Vila Rica e recebermos o pagamento de Dom Álvaro, podemos passar alguns dias com aquelas moças da casa de Dona Rosa. Você sabe melhor que ninguém que Luíza sempre o espera na janela. Você é o seu preferido.

— É verdade — completou Luís —, você é o melhor homem que ela já teve na cama, segundo ela, é claro.

Damião esboçou um leve sorriso. Depois fechou o rosto novamente e respirou fundo.

— Talvez eu vá procurá-la, mas quero que saibam que esta é a minha última campanha em busca de índios por estes sertões de meu Deus. Esta vida não está me agradando mais, e agora, com a vinda dos escravos da África, o preço por esses coitados diminui a cada dia e em breve as bandeiras para caçá-los ficarão no passado. Além de se

recusarem a trabalhar, são mais xucros que os escravos que chegam nos navios negreiros.

Levantou a cabeça procurando Dom Álvaro e o encontrou junto aos índios que estavam amarrados no centro da aldeia. Fazia a contagem dos mesmos para ver quanto aquela campanha iria lhe trazer de lucro.

— Homens como Dom Álvaro estão com os dias contados. Na verdade, estamos ilegais e todos sabem disso. O fim da escravidão dos índios no Brasil foi declarado há mais de cinquenta anos e continuamos a caçá-los, seja para escravizá-los, ou tão somente para acabar com a sua raça, pagos por fazendeiros que só desejam exterminá-los de suas terras.

— Exter... o quê?

— Matar, exterminar é a mesma coisa que matar — explicou, e seus dois amigos não pareceram surpresos com as palavras estranhas que às vezes ele costumava pronunciar, porque logo em seguida ele explicava o que elas significavam.

— Bom — disse Henrique —, eu só sei de uma coisa: eu e o Luís não sabemos fazer outra coisa a não ser lhe seguir, e o faremos até o inferno se for preciso.

— Isso é verdade — respondeu Luís, e continuou. — Se quiseres comprar uma fazenda, compraremos cada uma ao seu lado e iremos plantar e contar causos depois do entardecer. Com as economias que já temos, podemos até casar.

— Casar, pode tirar o cavalo da chuva! Temos as moças da Dona Rosa. Para que casar? — concluiu Henrique.

— Para cuidar de você na velhice, já que não tem parentes — afirmou Luís.

Os três amigos se dirigiram para o centro da aldeia, conversando alto sobre o que fariam da vida. Uma fogueira havia sido acesa e pedaços de carne dos animais começavam a ser postos no fogo.

As cabanas que haviam sido incendiadas agora não passavam de amontoados de cinzas. Pequenas colunas de fumaça se dirigiam ao céu, que estava carregado de nuvens. Três horas depois, um bloco de homens saiu da aldeia, não sem antes incendiar as ocas que ainda não haviam sido queimadas. Os índios, que tinham as mãos atadas para trás, seguiam no meio, vigiados de perto por dez homens. Cada um era amarrado ao outro por uma corda. Era uma penosa marcha para os aprisionados. Muitos morriam pelo caminho, devido aos maus tratos, e

se não conseguissem mais caminhar, eram desamarrados e mortos diante dos prisioneiros, para que todos vissem o que os aguardava caso resolvessem não prosseguir.

Essa foi uma das formas empregadas para arrumar mão de obra no início da colonização do Brasil, que acabou dizimando nações inteiras de índios. Estima-se que havia, naquela época, três a quatro milhões de índios.

Hoje, existem apenas alguns milhares.

Mas foi assim que está aventura teve início.

O Casamento

Cinco anos depois.

O dia amanheceu lindo. No céu não havia uma única nuvem, o sol reinava soberano e o calor da manhã indicava que aquele dia seria um dos mais quentes do início do verão. A igreja estava toda decorada para o casamento, faltando poucos lugares, e algumas figuras ilustres chegavam em carruagens de luxo. Os cavalos tinham seus pelos escovados e reluziam sob a luz do sol, enquanto os condutores estavam vestidos a caráter para a ocasião.

Enquanto alguns nobres conversavam na porta da igreja, outros se alinhavam nos primeiros bancos, trajando as mais belas roupas, feitas de tecidos finos importados da Europa. As damas vestiam a última moda, trazida diretamente de Paris. Alguns dos convidados que estavam nos primeiros bancos usavam trajes militares de gala. Havia Capitães, Majores e Generais. Toda a igreja estava enfeitada com tecidos

finos e o corredor havia sido decorado com rosas brancas, vermelhas e tulipas amarelas que exalavam um doce perfume no ambiente e causavam uma inebriante sensação de alegria e tranquilidade.

O noivo passou o lenço mais uma vez na testa, na tentativa de secar as pequenas gotas que insistiam em brotar em sua pele. Evitava encarar as pessoas, olhando às vezes para a entrada da igreja na tentativa de observar alguma movimentação que indicasse a chegada da noiva. Vestia uma calça de linho preta, sapatos italianos da mesma cor e um casaco com finos detalhes de ouro. Os botões que o fechavam eram do mesmo metal precioso.

O padre estava à frente do altar, lendo um versículo da bíblia, e parecia alheio ao murmurinho dos convidados.

Já fazia aproximadamente meia hora que o jovem tenente, cujo nome era Antônio, esperava por Fernanda, sua noiva. Havia decidido se casar assim que ele voltasse da Europa, após cumprir os treinamentos militares a que fora designado. Era um jovem alto, com aproximadamente um metro e oitenta, olhos e cabelos castanho-escuros, traços finos no rosto e pele clara. Tinha o corpo esguio, fruto dos intensos treinamentos a que fora submetido. Fazia dois meses que tinha chegado ao Rio de Janeiro, tempo suficiente para acertarem os preparativos da cerimônia, e estavam concretizando, naquela manhã, um sonho que acalentavam desde a primeira vez que seus olhos haviam se encontrado.

O tenente pertencia a uma tradicional família militar. Seu pai, o major Francisco Ferreira, havia nascido no Brasil, mais precisamente na província de Minas Gerais. Perdera seus pais ainda jovem, vítimas de uma doença tropical desconhecida. Fora então criado pelo seu avô, e aos dezoito anos entrou para o exército, onde se empenhou para alcançar postos mais elevados. Quando tinha vinte e três anos, conseguiu, devido a vários atos de bravura, atingir o posto de tenente. Mas seu grande sentimento de patriotismo e o carisma que tinha obtido junto a seus superiores fizeram com que fosse transferido para o Rio de Janeiro. Lá, conheceu a jovem Luciana, filha de um nobre da Corte Imperial que havia vindo para o Brasil comercializar produtos trazidos da Europa. Era bela e delicada como uma boneca de porcelana, mas inteligente e simpática, e assim que se conheceram, foi amor à primeira vista. O pai de Luciana sentiu muita simpatia pelo jovem militar logo no primeiro encontro, e após conhecer sua família, permitiu que ele

cortejasse sua filha. O casamento ocorreu um ano depois, uma cerimônia simples, mas que contara com muitas figuras ilustres. Seis meses depois do casamento, Luciana ficou grávida e deu à luz Antônio. Criado e educado pelos mestres da corte Imperial, o jovem era estudioso e dedicado, mas, assim que atingiu a adolescência, a carreira militar surgiu como uma grande paixão que tomaria sua alma para sempre. Com o apoio de seu pai, já então major, entrou para o exército e também demonstrou os mesmos sentimentos nobres de amor a pátria. Viajou para Portugal, junto com outros jovens militares, para aperfeiçoar seu treinamento. Seus pais resolveram ir visitá-lo, e no retorno aconteceu uma tragédia: seu navio naufragou próximo da costa brasileira. Dos cento e trinta passageiros, apenas trinta se salvaram, todas mulheres – as únicas que conseguiram ser colocadas em um bote, antes que o navio afundasse. Uma delas, ao ser encaminhada para um dos botes salva-vidas, fora testemunha de um diálogo entre um casal no momento em que o navio ia a pique:

— *Por Deus, Luciana, salve-se!*

— *Viver sem você é renunciar a minha própria vida! Irei para onde o nosso amor nos levar!*

A última imagem que a mulher viu foi a do casal abraçado sendo engolido pelas águas revoltas do mar, junto com o navio.

A morte do major foi sentida por todos os militares sediados na província do Rio de Janeiro.

Um pouco antes de Antônio viajar para Portugal, conheceu uma jovem em um baile destinado aos oficiais e alguns nobres convidados. Sua beleza fazia com que tivesse vários pretendentes, que a cercavam com galanteios, mas foi pelo simpático e alegre oficial que Fernanda se encantou. Com o consentimento de seus pais, passou a frequentar sua casa. A jovem tinha uma beleza angelical, era inteligente e sorria com sua alma pura. Seu pai era um importante comerciante do reino, importava e exportava produtos para a Europa. Era um homem sério, falava firme e adorava dizer frases de efeito. Tinha a fama de afastar todos os pretendentes de sua filha, mas com Antônio foi diferente. Percebeu logo de início que não se tratava de mais um aproveitador ou de um aventureiro, como os vários que viviam como parasitas na corte.

Não, o jovem oficial era muito mais do que isso. *“Costumo conhecer um homem no primeiro olhar, e eu nunca me engano”*, costumava dizer a todos os que tentavam levar vantagem sobre ele. Sua esposa era uma figura calma, oriunda de uma família de camponeses do interior de Portugal. Tinha se casado muito jovem e o velho português Haroldo eram um homem que havia feito fortuna com suas próprias mãos, como costumava dizer.

Após longas conversas que mais pareceram interrogatórios, o jovem oficial brasileiro, com sua simpatia e principalmente sua integridade, foi finalmente autorizado a cortejar a jovem. Esta, por sua vez, passou a corresponder com os mesmos sentimentos, e a cada dia que passava, o amor entre eles ficava mais forte. Ficou acertado, após o período de um ano de namoro, que se casariam logo que o tenente retornasse de sua viagem.

Mas as mortes dos pais de Antônio atrasaram seus planos até aquela data.

De repente, houve um leve alvoroço na porta da igreja. Os convidados que lá estavam entraram e procuraram se acomodar o mais rápido possível. A figura de uma bela jovem, vestida de branco, não tardou a aparecer, segurando nas mãos um buquê de flores do campo. O vestido era belo, com uma longa cauda, e ela tinha o rosto coberto por um fino véu.

Todos se levantaram ao mesmo tempo. Uma leve música tocada por violinos e um piano de cauda ecoou pela nave e atingiu toda a igreja. A noiva caminhou acompanhada de seu pai em direção ao altar. À sua frente, uma criança trazia uma pequena almofada com as alianças, presas por um pequeno fio de seda. Podia-se perceber um leve tremor no buquê, indicando o nervosismo que ela sentia. Antônio dirigiu-se até ela, segurou uma de suas mãos e levou-a até o altar. O padre se aproximou, sorriu para ambos e começou a cerimônia.

Quarenta minutos depois, o padre pronunciou a frase mais esperada pelo jovem casal:

— Eu os declaro marido e mulher.

Antônio levantou calmamente o véu. Fernanda era realmente muito bonita. Tinha os cabelos castanho-escuros e os olhos cor de amêndoas, com um leve traço oriental. A face era fina e delicada, e duas pequenas lágrimas caíram dos olhos da jovem quando seu marido beijou levemente seus lábios pela primeira vez.

Na saída da igreja, seus amigos os esperavam com uma chuva de arroz. Uma bela carruagem os levou para a casa da noiva, onde haveria uma festa. Era uma casa grande, em estilo colonial, com um jardim enorme, todo gramado, com várias mesas que tinham sido colocadas para a ocasião. Todas estavam enfeitadas com toalhas brancas e vasos de flores. Uma dezena de criados atendia os convidados que chegavam sem parar e se acomodavam no jardim. Uma boa parte era de militares, mas também figuravam políticos e personalidades da alta nobreza do Rio de Janeiro.

Um palco de madeira fora montado no Sul e uma orquestra tocava as belas canções de Vivaldi e Haydn.

Com a chegada dos noivos, houve uma saudação geral. Copos eram erguidos, vivas eram dirigidas ao noivo e cumprimentos à noiva. A festa durou o dia todo e as pessoas somente começaram a se retirar no começo da noite.

Passava das dez horas quando Antônio abriu a porta do quarto e entrou com Fernanda nos braços. Era um quarto grande, com algumas peças de mobílias finas e delicadas, todas vindas de Portugal. Nas paredes estavam pendurados dois quadros muito bonitos. O chão estava decorado com um belo tapete persa.

Fernanda foi colocada vagarosamente na cama dossel.

Ele a observou por alguns instantes. Sentia uma felicidade que jamais imaginara em toda a sua vida.

— Você é a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida. Eu quero que saiba que meu coração será sempre seu.

— E eu serei para sempre sua.

O jovem a beijou. Desta vez, não foi um beijo leve e curto, mas sim longo e cheio de paixão. Suas mãos percorreram todo o seu corpo. Sentiu o calor da jovem ir aumentando e, então, ele encontrou em seu olhar um desejo ardente.

— Eu a amo, Fernanda, mais do que mil vezes a minha vida.

— E meu coração será mil vezes seu, se assim o desejar. Por toda a eternidade.

E beijaram-se novamente.

Naquela noite, o amor reinou.

O Espírito da Noite

A Independência do Brasil

Um ano depois.

José Bonifácio caminhava a passos firmes pelo corredor do palácio, e sua pressa tinha um objetivo. Como havia solicitado uma audiência com o Imperador, era imprescindível que chegasse antes que ele. Tinha nas mãos vários documentos que segurava com muito cuidado, e assim que dobrou o corredor, vislumbrou uma porta guarnecida por dois soldados armados com espadas e portando mosquetes. Fez um leve aceno com a cabeça, os soldados ficaram em posição de sentido e um deles abriu a porta. O nobre entrou rapidamente na sala e percebeu com alívio que dois senhores já estavam sentados ao redor de uma grande mesa de carvalho.

Mas nenhum deles era o Imperador.

— Senhores, bom dia.

Ambos os homens responderam, mas com entonações diferentes na voz. Eram todos, de certa forma, Conselheiros do rei, e participavam das reuniões mais importantes, que estavam definindo os passos do jovem Império.

A mesa, de cor escura, tinha formato oval. José Bonifácio se sentou ao lado da cadeira vazia, que seria ocupada pelo Imperador.

— Parece que as coisas se acalmaram finalmente — disse um dos nobres.

— Já não era sem tempo — respondeu outro.

— Pode nos adiantar alguma informação, José?

— Dom Miguel, gostaria que esperássemos a chegada do Imperador para que eu relate os fatos uma única vez.

O nobre ficou aborrecido com a negativa e engoliu em seco sem fazer nenhum comentário. Não estava acostumado a ser contrariado e sabia que, naquela sala, diante daqueles homens, qualquer atitude deveria ser muito bem analisada.

Neste momento, a porta abriu e Dom Pedro I entrou. Vestia uma farda cinza com abotoaduras de ouro, calça branca e botas pretas de cavalaria que iam até o joelho.

Todos se levantaram e curvaram-se lentamente, fazendo uma vênia.

— Senhores, desculpem o atraso. Sentem-se.

Todos sentaram.

— Muito bem, por onde começaremos? — perguntou o Imperador com uma expressão sorridente. Ele estava de bom humor aquela manhã e Dom Miguel refletiu curioso, procurando saber com qual cortesã ele havia dormido à noite.

— Gostaria de ter a palavra, Imperador.

— Ela é sua, meu bom amigo.

José Bonifácio colocou os papéis sobre a mesa e analisou os diversos documentos que trazia consigo.

— Para sermos mais objetivos, farei um resumo dos fatos, e mesmo que alguns já sejam do conhecimento dos senhores, acredito ser importante ressaltá-los para que tenhamos uma ideia exata de nossa situação.

— Ouviremos atentamente suas palavras.

O nobre olhou para os homens da mesa, e com exceção do Imperador, todos os demais o observavam com desconfiança e astúcia.

Mas ele não se sentiu intimidado e fez uma pausa para saborear aquele momento em que tinha a atenção de todos.

— Acabaram as rebeliões — iniciou seu relato. — Todos os focos de resistência foram sufocados.

— Isso é uma grande notícia! — disse Dom Miguel. — Aliás, já não era sem tempo.

— Na Província da Bahia — continuou José Bonifácio —, fracassaram nossas tentativas de um acordo pacífico com o comandante Inácio Luís Madeira de Melo. Este reafirmou sua posição de militar de lealdade à coroa portuguesa e informou que aguardaria o seu fim desastroso, mas jamais fugiria da sorte à custa da sua honra. Para combatê-lo, enviamos uma tropa por terra comandada por Pedro Labatut, oficial francês contratado por nós, um oficial veterano das Guerras Napoleônicas que participou com êxito em várias batalhas da Guerra Peninsular e que foi o responsável por organizar nosso Exército Pacificador. No dia oito de novembro último, partiu com suas tropas na esquadra comandada por Rodrigo Lamare, e, comandando uma fragata, uma corveta e dois brigues, derrotaram Madeira de Melo na batalha do Pirajá. Mas este não se deu por vencido, acabou escapando e se refugiou com suas forças em Salvador. Devido a uma série de atos que não cabem a um comentário neste momento, mas que desagradaram o nosso Exército, Labatut foi destituído do comando das tropas e está preso.

— Mas o que foi que ele fez? — perguntou Dom Miguel, curioso.

José Bonifácio não queria perder tempo com aquele assunto, mas o Imperador acenou para que ele respondesse à pergunta.

— Segundo o relatório que recebi do Conselho de Guerra Interino da Bahia, o General Labatut cometeu abusos em excesso na disciplina dos soldados e desobedeceu às decisões do Conselho. Segundo alguns relatos, se proclamava a maior autoridade da Bahia, não devendo subordinação a ninguém. O coronel Felisberto Gomes Caldeira exigiu uma postura de mudança imediata e o General Labatut, desconfiado de que seria destituído, ordenou a prisão do coronel e enviou ordens para que o coronel Lima e Silva enfrentasse o 3º Batalhão, que havia se rebelado após a prisão de Felisberto. Mas a razão prevaleceu e com o suporte do Conselho Interino de Governo, o coronel Lima e Silva não cumpriu as ordens. Eles depuseram Labatut e o prenderam.

— Você apoiou a prisão de um herói da guerra, um general experiente das guerras napoleônicas, apenas porque ele castigou alguns soldados, uma ralé humana e fez algumas bravatas? — perguntou Dom Miguel.

— Não está em questão aqui a experiência do General Labatut — interveio o Imperador, em apoio a José Bonifácio. — Está em questão a soberania do Exército de Pacificação e principalmente a lealdade aos termos propostos ao General Labatut.

— Perdoe-me, Majestade, não há dúvidas de que é crucial mantermos a unidade do exército.

— Grato pela compreensão. Prossiga, Bonifácio.

— Após a prisão de Labatut, assumiu o comando o coronel José Joaquim de Lima e Silva, um oficial experiente que trouxe unidade ao Exército de Pacificação da Província da Bahia. Pressionado em terra por seus homens e no mar por Lorde Cochrane, Madeira de Melo nada pôde fazer. Acabou empreendendo uma audaciosa fuga, no dia dois de julho, retirando-se para Portugal, e foi perseguido pelo oficial Taylor, na fragata Niterói até a foz do rio Tejo, às portas de Lisboa.

— Eu disse que contratar esses homens seria uma grande ideia, Majestade — disse Dom Miguel, com ar de satisfação. — São homens experientes que tiveram grande experiência em combate.

— Tem razão — disse o Imperador —, a experiência destes homens nos foi de grande valia.

José Bonifácio estava narrando os combates entre o exército brasileiro e as tropas leais portuguesas, que acabaram culminando na Independência do Brasil.

O Brasil não dispunha de forças militares organizadas para combater os portugueses descontentes com a proclamação da Independência. Por isso, Dom Pedro I optou por contratar oficiais estrangeiros para comandar os soldados, muitos dos quais recrutados às pressas. Contratou Pedro Labatut, que servira sob as ordens de Napoleão Bonaparte, os ingleses Pascoal Grenfell e John Taylor e o escocês Lorde Alexandre Cochrane, que já havia ajudado a libertar o Chile do domínio espanhol.

— Muito bem. Vamos continuar com os acontecimentos. O oficial português João José da Cunha Fidié ofereceu forte resistência no Maranhão e em Piauí, onde exercia as funções de governador. Em Parnaíba, nessa mesma província, suas forças abafaram o movimento

anunciado publicamente em favor da emancipação. Mesmo assim, Fidié acabou capitulando em Caxias, no Maranhão. Nesse mesmo tempo, terminado os combates na Bahia, Cochrane, com apenas um navio, seguiu para o Maranhão. Diante da falsa notícia de que enviaríamos toda uma esquadra, os portugueses se entregaram. Cochrane ocupou São Luís e, assim, acabaram os conflitos nessa província. No Pará, Grenfell conseguiu a rendição dos portugueses, que não fizeram qualquer resistência porque acreditavam que uma esquadra estava pronta para atacá-los. Grenfell puniu alguns brasileiros que estavam praticando atos de vandalismo contra estabelecimentos comerciais e ordenou várias prisões para estabelecer a ordem. No barco *Diligente*, apelidado de “Palhaço”, foram postos 256 prisioneiros. Amontoados, desesperados pela sede e pela falta de ar, gritaram pedindo clemência, mas esta lhes foi negada. No auge da angústia, os homens voltaram-se uns contra os outros em uma batalha cruel. Só quatro deles escaparam com vida.

— Oficiais! Com o devido respeito, Majestade, o que nós contratamos não foram oficiais treinados e experientes, foram mercenários sanguinários! — argumentou um dos nobres.

— O que você queria, Dom Ângelo, que os tratássemos prisioneiros com afagos e carícias? — perguntou Dom Miguel em tom de sarcasmo.

— Senhores — disse Dom Pedro —, vamos deixar que José Bonifácio termine o relato dos fatos para depois tecermos nossos comentários.

— Obrigado, Majestade. Senhores, o último foco de resistência estava na província de Cisplatina, sob o comando do general Álvaro da Costa de Sousa Macedo. O general Carlos Frederico Lécór buscou reforço no interior e cercou Montevideú, e em quinze de novembro último, dominado e sem possibilidade de manter-se sitiado, o general Souza Macedo se retirou para Lisboa.

O conselheiro colocou calmamente o relatório sobre a mesa.

— O Império está pacificado, Majestade.

Dom Pedro I soltou um suspiro profundo e colocou as mãos sobre a mesa. Tinha nos olhos uma profunda tristeza.

— Gostaria, senhores, de todo o meu coração, que nenhum homem tivesse morrido e que minha decisão pudesse ter sido acatada por todos os homens do Brasil, para que possamos criar um Império unido e forte.

— Sabemos disso, Majestade — ponderou José Bonifácio.

— O que Bonifácio diz é verdade — falou Dom Miguel, em tom conciliador —, mas não poderíamos ter sufocado esses focos de revolta sem o uso da força, sem o uso de oficiais ingleses e franceses, veteranos das guerras napoleônicas.

— Sobre isso, senhores — voltou a falar Dom Pedro I —, será a história que irá nos julgar.

— A história, Majestade — disse Dom Miguel em um tom malicioso —, sempre será escrita pelos vencedores.

— Dom Miguel tem razão, Majestade — concordou Dom Ângelo.

Um pesado silêncio caiu sobre os homens sentados junto à mesa, todos imersos em seus pensamentos. A ideia do Império do Brasil estar soberano ainda era nova em suas mentes.

— Hoje chegou uma carta de Portugal, trazida pelo fragata *Infante* — voltou a falar José Bonifácio, dando prosseguimento à reunião. — A Corte Portuguesa exige dois milhões de libras esterlinas para reconhecer nossa Independência.

— Dois milhões! — exclamou Dom Ângelo, o mais antigo dos conselheiros que estava na sala e que até aquele momento tinha permanecido em silêncio. — Eles ficaram completamente loucos. Não temos essa quantia. Eles esvaziaram os nossos cofres quando D. João — e lembrou-se tardiamente que D. João VI era pai de Dom Pedro I — com todo respeito, Majestade, mas essa é uma quantia absurda, eu poderia até dizer que se trata de um ultraje.

— Aqui está o documento — disse o conselheiro, entregando-o para Dom Pedro.

O Imperador leu a carta com atenção.

— Eu já esperava por uma carta exigindo algum tipo de pagamento, mas não essa quantia.

— Não podemos ceder! — disse Dom Ângelo, exaltado. — Com todo o respeito que temos por seu pai, Majestade, afirmo que não devemos ceder!

O Imperador olhou para os conselheiros que estavam na sala e depois se voltou para José Bonifácio.

— Quais são as opções?

O Conselheiro remexeu seus papéis.

— A primeira diz respeito ao governo inglês, que se prontificou a emprestar a quantia que precisamos para um pagamento futuro.

— Eu discordo — respondeu Dom Ângelo, já mais calmo. — Não devemos ceder a Portugal nem aceitar o empréstimo da Inglaterra. Uma dívida dessa monta não será paga nem pelos filhos de nossos filhos.

— Não seja tolo, Dom Ângelo — contrariou Dom Miguel —, em negar o empréstimo da Inglaterra, o Império que governa o mundo, um poder tão grande que o sol nunca se põe sobre as suas terras.

Os nobres começaram a falar ao mesmo tempo e a discussão aumentou rapidamente. Dom Miguel era a favor do empréstimo e Dom Ângelo era contra.

Dom Pedro apenas observava o nervosismo dos conselheiros.

José Bonifácio tentava acalmá-los, mas era em vão.

O Imperador colocou a mão esquerda no queixo e coçou levemente a barba.

— Senhores! — falou com toda a autoridade que possuía.

Os nobres ficaram em silêncio, sabendo que tinham perdido o controle de seus atos perante o Imperador.

— Senhores, não devemos e não podemos perder o controle nesta hora tão decisiva. José, essa é a única alternativa que possuímos?

— Existe outra possibilidade.

Todos se voltaram para José Bonifácio e Dom Pedro, curioso, levantou uma sobrancelha.

— Qual? — todos perguntaram quase que simultaneamente.

O conselheiro olhou para eles por alguns instantes, como se tomasse coragem para começar a falar.

— Chegou a mim a existência de uma história que fala sobre uma caverna localizada no interior da Província de Goiás, cheia de diamantes, incrustados nas paredes, no teto e até mesmo caídos pelo chão. O tamanho das pedras é surpreendente, e segundo a história, algumas das pedras são maiores do que um olho humano.

Dom Miguel soltou uma gargalhada de descrédito.

— Desculpem-me pelo escárnio, mas pelo amor de Deus, estamos falando de uma exigência de dois milhões de libras por parte da Coroa Portuguesa para admitir a nossa independência e você traz uma lenda indígena para uma reunião do Conselho Imperial? Uma reunião que tem a presença ilustre do Imperador? Você tem coragem de considerar essa caverna uma alternativa? Francamente, eu o tinha em mais alta conta, mas essa história é uma grande tolice. Isso é contado pelos bandeirantes em bares, ou em um jantar regado a um bom vinho. Essa

caverna é apenas mais uma das lendas, como tantas que existem sobre essas matas.

— Dom Miguel está certo, José — disse o Imperador. — Desde que cheguei ao Brasil, ouvi muitas histórias: de uma cidade de ouro, tribos de Amazonas e tantas outras lendas indígenas. Soube também da lenda dessa improvável caverna, e sei inclusive que três bandeiras partiram para procurá-las e nunca mais voltaram.

O conselheiro real mostrou um leve sorriso sarcástico.

— Está vendo, José, até mesmo Sua Majestade acha sua história uma lenda.

— Na verdade, Majestade, não foram três bandeiras, como todos ouvem falar.

— Não?

— Foram quatro.

Até agora a conversa tinha um tom de descrédito muito grande, mas a afirmação de José Bonifácio aguçou o interesse e a curiosidade de todos.

— Como sabe dessa quarta bandeira? — perguntou o Imperador, tamborilando os dedos na mesa.

— Porque fui eu que a contratei. Rogo-lhes que prestem bastante atenção no relato que vou fazer. Logo depois do retorno de Dom João VI para Portugal, quando os nossos cofres ficaram vazios, foram feitas várias tentativas de se obter dinheiro. E uma dessas foi a de ouvir os bandeirantes que haviam encontrado metais preciosos como ouro, prata ou pedras preciosas no interior das províncias. Eu ouvi a história contada por um bandeirante chamado Dom Álvaro, que afirmava ter capturado um índio que trazia consigo um enorme diamante. O índio foi torturado até a morte, mas, antes de morrer, revelou a existência da caverna repleta dessas pedras preciosas, e desenhou um mapa com a localização exata da mina de diamantes. Mas Dom Álvaro não tinha recursos para realizar tal empreendimento, então me procurou para me fazer uma proposta. Nós lhe daríamos recursos para fazer uma expedição e procurar a caverna e este, em troca, nos daria metade do que fosse encontrado.

— E onde está esse homem? — perguntou Dom Pedro I.

— Sua expedição sumiu há dois anos.

Dom Miguel soltou uma gargalhada sarcástica, inclinou a cadeira para trás e aproveitou a situação para desmoralizar o principal conselheiro junto a Dom Pedro.

— Como você é ingênuo, José! É claro que esse tal de Dom Álvaro sumiu com o dinheiro que tomou emprestado. Com todo o respeito, Majestade, mas José Bonifácio foi um tolo em acreditar nesses bárbaros que infestam as províncias. Eu devo admitir, é claro, que eles são necessários, para caçar e exterminar os índios, essa praga que infesta estas terras, ou mesmo caçar escravos fugitivos e destruir esses quilombos que se formam como formigueiros. Mas o senhor, um Conselheiro Real, acreditar em uma lenda, realmente me faz refletir o quão grande é o tamanho da sua ingenuidade.

— Eu também pensava assim. Até ontem.

E todos ficaram interessados, com se houvessem recebido um choque elétrico.

— Mas o que aconteceu ontem? — perguntou o Imperador, inclinando o corpo para frente.

José Bonifácio colocou a mão no bolso, retirou algo e jogou sobre a mesa. Era uma pedra grande, maior que um olho humano, e houve a demora de apenas alguns segundos para reconhecer o objeto. Era um diamante, enorme, e todos ficaram boquiabertos. O Imperador se inclinou, pegou a pedra e a examinou com muito cuidado, enquanto Dom Miguel e Dom Ângelo continuavam atônitos.

— Possui valor?

— Já mandei fazer uma análise, Majestade. É um diamante puro e muito valioso. Somente esta pedra vale uma verdadeira fortuna.

— Como chegou até as suas mãos?

— Há dois dias, um dos homens de confiança de Dom Álvaro chegou em minha casa e entregou uma carta, um mapa e esse diamante. Ele me relatou que foi o único sobrevivente da expedição que financiei. Todos os outros integrantes, inclusive Dom Álvaro, pereceram em um combate com os índios da região. Somente ele conseguiu escapar do massacre.

— O que dizia a carta?

— A carta dizia que haviam encontrado a caverna, e ela possui milhares de diamantes como esse que Vossa Majestade tem nas mãos. Segundo o relato do sobrevivente, existem algumas pedras que são maiores do que essa. Ele relatou que o interior da caverna reluz como

um céu noturno, uma verdadeira miríade de estrelas, mas há muitos diamantes espalhados pelo chão. Posso garantir, Majestade, que acredito em sua narrativa.

— Mas ele foi o único sobrevivente?

— Sim, Majestade, junto à caverna existe uma belicosa tribo de índios, que a protege por considerá-la sagrada. Foram eles que atacaram e dizimaram a bandeira de Dom Álvaro e ousou acreditar que todas as bandeiras anteriores foram exterminadas por esta mesma tribo.

— Maldição! — disse Dom Miguel, dando um soco na mesa. — Sempre esses selvagens para atrapalhar o desenvolvimento do Império.

— E o mapa?

— Incompreensível, Majestade. Cheio de códigos e anotações que somente um bandeirante experiente poderá decifrar, mas segundo o homem que me entregou, é o caminho para a caverna de diamantes.

— E onde está?

— Está em local seguro, Dom Miguel. É que aconteceram fatos que agravaram a situação desta história.

— Que fatos? — perguntou o Imperador.

— O homem que veio a mim foi encontrado morto esta manhã, na estalagem a qual o encaminhei. Havíamos marcado um encontro, mas como ele não comparecera, fui procurá-lo e o encontrei com uma faca cravada em seu peito.

O Imperador se levantou num sobressalto.

— Assassinado? Como isso é possível?

— Não sei, Majestade, mas examinei o corpo e encontrei sinais de tortura. Mas o proprietário da estalagem, um homem que tenho em alta estima, jurou sobre a bíblia no interrogatório feito pelo Intendente Geral de polícia que não notou nenhuma anormalidade naquela noite.

Dom Pedro, então, começou a caminhar pela sala.

— Assassinado! Mas quem poderia querer sua morte? Com certeza ele deve ter contado sua aventura para mais alguém, mas quem? E que segredos ele revelou sobre a localização da caverna? São perguntas demais e nenhuma resposta.

— Segundo minha conversa, Majestade, as ordens de Dom Álvaro eram claras. Ele deveria conversar somente comigo e com mais ninguém, e me pareceu um homem de confiança.

— Mas alguém mais soube de sua chegada, soube quem era aquele homem e o torturou para que revelasse seus segredos.

O Imperador se aproximou de José Bonifácio.

— José, você já tem uma ideia formada, não tem?

— Sim, Majestade. Acredito que existem traidores entre nós, alguém que espionou minha conversa e, provavelmente, junto com alguns comparsas, deu um triste fim àquele pobre homem.

O Imperador voltou a caminhar pela sala, agitado e com o diamante na mão direita. Parou diante da janela do palácio e olhou por ela por alguns instantes, vendo a movimentação das carruagens e pedestres que passavam sob seu olhar atento.

— Conheço você, José Bonifácio, conheço o suficiente para saber que não me contaria essa história, que parece o início de um bom romance, se não tivesse uma ideia do que fazer a seguir.

— Sim, é verdade, Majestade.

— O que sugere?

— Na carta que Dom Álvaro me enviou, ele fez uma revelação.

— Que revelação?

— Ele revelou a existência de um homem, um mateiro com experiência e coragem suficientes para interpretar os sinais do mapa e chegar até a caverna. A carta também informa onde poderá ser encontrado. Mas para a proteção deste homem, Majestade, mantereí sua identidade e localização em sigilo.

— O que propõe? — perguntou o imperador, vendo um casal segurando uma criança pela mão atravessar a rua após uma carruagem passar e sentindo orgulho de ter tido a coragem de desafiar a corte portuguesa ao declarar a independência do Brasil.

O que proponho, Majestade, ou melhor, o que rogo que aprove, é a organização de uma expedição composta de soldados e oficiais da mais inteira confiança, tendo como guia esse homem. Essa expedição deverá, em posse do mapa, enfrentar todos os perigos desta jornada até encontrar a caverna de diamantes, para trazê-los até nós.

— Qual o custo?

José Bonifácio se levantou e entregou alguns documentos para o Imperador.

— Nestes documentos, Vossa Majestade irá encontrar os custos de uma expedição de sessenta homens, onde já estão relacionadas as despesas com uniforme, armamento, mantimentos e montaria.

O Imperador olhou atentamente os papéis, e não estava surpreso com a eficiência de José Bonifácio. Dom Pedro, mais do que ninguém,

conhecia suas qualidades e por isso o considerava seu mais importante Conselheiro.

— Custará para o Tesouro Real um pouco mais do que um jantar para a corte.

— Sim Majestade, mas a diferença será a recompensa caso a expedição logre êxito.

Dom Pedro voltou-se para os conselheiros, que permaneciam sentados.

— O que acham, senhores? Devo autorizar essa expedição?

— Acho que é uma alternativa interessante e que deve ser levada em conta, Majestade, porque existe uma possibilidade de que tenha êxito — concordou Dom Ângelo.

— Sem dúvidas é uma história interessante — disse Dom Miguel, com um olhar ávido para a pedra que estava na mão Imperador —, apesar de ainda ter dúvidas sobre a veracidade dessa improvável caverna de diamantes. Mas devo admitir, Majestade, que a proposta do Conselheiro é tentadora, o investimento é baixo e o retorno é muito lucrativo.

— Tem razão, Dom Miguel. Se a expedição lograr êxito, seu retorno poderá ser pagar os dois milhões de libras que Portugal exige para reconhecer nossa independência.

— Talvez — disse Dom Miguel, tamborilando os dedos na mesa —, se pudesse analisar a carta e o mapa, poderia fazer avaliação mais precisa desta insólita história.

— Isso está fora de questão, Dom Miguel — disse José Bonifácio. — Não há dúvidas de sua integridade, mas temo pela vida de quem tiver acesso a esses documentos.

— José, você tem razão. Devemos ter todo o cuidado com esses documentos e garantir a sua segurança. A partir de agora, ela é de vital importância para a soberania do Império. A existência dessa caverna jamais deve ultrapassar os domínios desta sala.

Caminhou mais um pouco ao redor da mesa e parou novamente diante da janela. Gostava de olhar por ela para clarear suas ideias. Olhou para o sul e ficou admirando o belo jardim que cercava o palácio. Por fim, voltou-se para seus conselheiros.

— Muito bem, senhores, já tomei minha decisão. Vamos enviar essa expedição. José, faça o que for preciso para que ela tenha êxito e não me deixe de contar nenhuma novidade sobre o seu andamento. Eu quero

saber todos os detalhes, por menores que sejam, sobre a expedição e sua aventura na busca dessa misteriosa caverna que pode mudar o destino do Brasil.

E Agora?

Se você chegou até aqui, é porque gostou desta história, sobre uma aventura nas selvas brasileiras na época da independência do Brasil. Um trabalho de pesquisa de dois anos, inclusive junto a FUNAI, sobre a tribo de índios Goyá e lendas sobre uma incrível caverna de diamantes.

Para ter essa cativante aventura completa em seu Kindle ou em sua estante, você poderá escolher os sites abaixo:

Amazon - Versão digital e impressa - <https://amzn.to/3bLFUWK>

Americanas - Versão impressa

Submarino - Versão impressa

Shoptime - Versão impressa

Magazine Luiza - Versão impressa

Se preferir um livro autografado, entre em contato direto pelo meu perfil do Instagram, **escritor_alex_bitten**

Eu terei o maior prazer em enviá-lo autografado.

Alex Bitten

www.alexbitten.com.br

